**O Fundamento Bíblico para a Abstinência**

**do Consumo de Bebidas Alcoólicas**

**Steven Thompson, Ph.D.**

 **Em primeiro lugar apresentaremos algumas definições de termos. “Espíritos ardentes” ou “liquor espirituoso” e termos similares usados pelos pioneiros da IASD referem-se às bebidas destiladas ou as que tiveram álcool acrescentado, tais como o rum, gim, conhaque ou uísque. “Intoxicantes brandos” designando bebidas fermentadas tais como cerveja, cidra e vinho.**

Espíritos Ardentes -  **José Bates, pioneiro adventista e reformador da saúde, conclui que devia abandonar as bebidas de espíritos ardentes, e o fez em 1821. *(1) Bates e D. E. Robinson, The Story of our Health Message, 3ª Edição, Nashville, Tenn.; Southern Publishing Association, 1965, p. 53*. Tiago White “nunca bebeu liquor espirituoso” *(2) Idem, p. 65,* e J. N. Andrews “absteve-se mesmo de provar bebida forte” *(3) Idem, p. 26*. A Sociedade de Temperança Americana foi formada em 1826, em Massachusetts, advogou a abstinência de bebidas destiladas e exerceu influência, especialmente, sobre os cristãos do início do século dezenove da Nova Inglaterra.**

 **Não há evidência de que os primeiros adventistas do sétimo dia consumiam bebidas alcoólicas. A atitude da maioria foi provavelmente muito bem expressada na linha de abertura do primeiro artigo sobre o álcool na *The Review and Herald*: “É desnecessário pregar a qualquer que crê e pratica a presente verdade um sermão sobre os males da intemperança para detê-lo do consumo de liquores espirituosos.”(*4) Review and Herald, vol. 23 22 de dezembro de 1863, p. 3.* Essa posição tem permanecido imutável através da história subseqüente.**

Intoxicantes Brancos -  **Embora José Bates, tenha abandonado a cerveja e o vinho na década de 1820, nunca insistiu que os adventistas do sétimo dia dessem esse passo, sem dúvida seu exemplo foi seguido por outros pioneiros adventistas, mas não unanimemente. De acordo com as reminiscências do *Dr. John Harvey Kellogg* no início da década de 1860 “alguns bons ministros, homens santos, mantinham barris de cerveja em seus celeiros”. *(5) John H. Kellog, The Significance of Our Work, Medical Missionary, XIV Março de 1905, 82 citando em Ronald Numbers, Prophetess of Healt, edição revisada, Konxville, Tenn.; University of Tennessee Press, 1922, p. 278.* Deve-se notar que as sociedades de temperança, anteriores a 1870, normalmente não advogavam a abstinência de bebidas fermentadas. *(6) Robinson, idem, p. 41*. A causa das fermentações não foram compreendidas até o final do século. A pasteurização não estava disponível e a produção e armazenagem caseiras dos sucos de frutas tinham, quase que sempre, alguma fermentação.**

 **O quadro entre os adventistas do sétimo dia foi de divisão de opiniões e prática por quase todo o século dezenove. A segunda onda da atividade da sociedade de temperança iniciou por volta de 1870 que consistentemente advogava a abstinência de bebidas alcoólicas. Os líderes da IASD adotaram essa posição e a defenderam veementemente para a igreja, mas há evidências de que alguns membros foram lentos em responder. Por exemplo, Ellen White escreveu em 1882 que muitos leitores estavam ainda produzindo, fabricando e consumindo intoxicantes brandos. “Muitos ao lerem isto irão rir da advertência de perigo. Eles dirão, “Certamente o pouco de cidra e vinho que eu consumo não poderá me prejudicar.” *(7) EGW, Testimonies 32 (Battle Creek, Mich.; Review and Herald, 1882, p. 358 na edição consolidada, vol. 5*. Durante o mês de dezembro do ano anterior a Associação Geral, em assembléia, “Declarou: Expressamos como julgamento deste organismo que o uso de vinhos caseiros como bebida ou seus equivalentes manufaturados, empregados para esse fim, devem ser desencorajado em todos os tempos pelos membros de nossa denominação como sendo contrário aos claros ensinos da Escritura e dos mais elevados interesses da sociedade.” *(8) Review and Herald, vol. 59 3 de Janeiro de 1882, p. 11.***

 **O retrato da divisão é mais adiante ilustrado pelas atitudes dos adventistas do sétimo dia com relação ao vinho da comunhão. Os primeiros adventistas empregavam vinho fermentado na comunhão, mas nem todos estavam satisfeitos com isso. “Alguns fazem objeção ao vinho porque está fermentado”, escreveu Tiago White, 1867. *(9) Tiago White, The Lord’s Supper, Review and Herald, vol. 27, 16 de abril de 1867, p. 222*. Essa objeção a umas pequenas gotas de vinho caseiro com o qual apenas se molha os lábios na Ceia do Senhor, contém os princípios da total abstinência em uma extensão mais ampla”, escreveu *W. H. Littlejohn*. *(10) W. H. Littlejohn, Review and Herald, vol. 59 (10 de outubro de 1882, p. 633.* Embora seja impossível traçar a mudança subseqüente para o suco de uva na comunhão, é provável que o processo foi acelerado pela íntima união entre os adventistas do sétimo dia e as sociedades de temperança e uma nova tecnologia de pasteurização. Finalmente, o uso do vinho na Santa Ceia tornou-se inconcebível. *(11) Esta informação foi extraída de uma monografia, não-publicada, de um ex-aluno meu, Pastor Andréas Bochmann, “Vinho da Comunhão na Igreja Adventista”, Monografia não-publicada, Newbold College, 1981.)* Da mesma forma, mais ou menos na mesma época, e provavelmente pelos mesmos motivos, o uso de vinho caseiro e outros sucos de frutas fermentados tornou-se impensável para os adventistas do sétimo dia.**

Fundamentos para a Abstinência Entre os Adventistas do Sétimo Dia

 **Durante toda a história da IASD tem havido um engajamento ativo quanto ao pensamento dos líderes da igreja na questão do consumo de álcool. Uma pesquisa dessa história revela que cinco fundamentos foram postos – algumas vezes separadamente, algumas vezes combinados – para apoiar a posição da abstinência.**

Leis de Saúde – Filosofia -  **Esta frase representa um aspecto da teoria da força vital que foi parte da visão mundial amplamente sustentada entre os reformadores americanos de saúde do século dezenove, popularizado na América pela obra de *Sylvester Graham*. A força vital, implantada quando do nascimento em uma determinada quantidade diminuía em conseqüência de uma ampla gama de atividades físicas e mentais. Uma pessoa responsável aumentava a vida atual e futura ao conservar a força vital. *(12) George Reid. A Sound of Trumpets (Hagerstown, Md.; Review and Herald, 1982, p. 381*. Embora os primeiros adventistas empregassem, ocasionalmente, a expressão “força vital” *(13) “Deve-ser fazer esforços para preservar cuidadosamente o vigor remanescente das forces vitais....” Spiritual Gifts, vol. 4 (Battle Creek, Mich.; Review and Herald, 1864, p. 131*, com maior freqüência eles usavam o sinônimo “leis de saúde” *(14) “Muitos se maravilham que a raça humana tenha assim se degenerado física, mental e moralmente. Eles não compreendem que isso é ... violação das leis de saúde que produziu essa triste degeneração” Idem p. 124: “Foi-me mostrado que muito sofrimento poderia ser poupado se todos se empenhassem no prevenir as enfermidades ao obedecerem, estritamente, as leis de saúde” idem, p. 140*. Essa expressão centralizava-se em três aspectos: primeiro, essas leis naturais são de origem divina *(15) “Deus fez o homem em perfeita harmonia com essa organização geral da natureza...” Sylvester Graham, A Treatise on Bread and Bread-Making (Boston: Light & Stearns, 1837, p. 19 citado em Reid, idem*, segundo,um relacionamento de causa-efeito mantinha a lei unida à saúde *(16) “Conseqüentemente, enquanto muitos obedecem as leis da constituição e das normas que devem rege-lo com respeito a seu alimento, ele preserva a saúde...” (Graham, idem): “A causa tem sido seguida pelo efeito” (White, idem, p. 120); “A causa traz resultados certos” (idem, p. 130)*; terceiro, as leis de saúde são expressadas em uma linguagem naturalista, característica dos reformadores, em vez de em uma linguagem e categoria de revelação divina na Escritura, mas sua autoridade foi considerada igual à lei revelada de Deus na Escritura. *(17) Ver Malcolm Bull e Keith Lockhart, Seeking a Sanctuary (Nova Iorque: Harper & Row, 1989), p. 129. Ver também Reide, idem, p. 129: “Embora a Bíblia serviu como fonte de direção moral e de algumas informações específicas sobre o viver saudável, a maior parte do conteúdo da reforma veio das visões da Sra. White ou das descobertas científicas...”.* De acordo co *Larkin B. Coles*, o reformador de saúde cujos escritos foram considerados mais influentes entre os primeiros adventistas, “verdadeiramente é um pecado contra o Céu violar a lei da vida, ao transgredir um dos dez mandamentos” *(18) Philosophy of Health: Natural Principles of Health and Cure edição revisada, (Boston: Tickver, Reed & Fields, 1853), p. 216 citado por Numbers, p. 77),* uma visão de *Ellen G. White* diz: “Verdadeiramente é um pecado violar as leis de nosso ser como o é transgredir os dez mandamentos.” *(19) Christian Temperance and Bible Hygiene (Battle Creek, Mich.: Good Health Publishing Com., 1890, p. 53 citado por Numbers, p. 77).* Cole “entendeu a obediência às leis da saúde primeiramente como um requisito para a entrada no Céu e apenas, em segundo lugar, como um meio de viver uma vida melhor na terra.” *(20) Numbers, idem, p. 61.***

 **Como o álcool era considerado por aqueles que mantinham essa opinião? Implícito na descrição de *Sylvester Graham* está que a água pura é “a única bebida que o homem pode sempre usar em perfeita harmonia com as propriedades vitais e as leis de sua natureza.” *(21)Sylvester Graham, Lectures on the Science of Human Life, People’s ed. (Londres: Horsell, Aldive, Chambers, 1849), p. 226, citado por Numbers, p. 52.* Por inferência, qualquer outra bebida tal como chá, café, álcool destruiria a vitalidade e operaria contra as leis de saúde. De acordo com a visão das leis de saúde, a pessoa deve se abster de bebidas alcoólicas porque a indulgência obviamente esgota a força vital e mina a saúde, que por sua vez incapacita a compreensão espiritual.**

 **A força deste ponto de vista está fundamentada em seu apelo ao senso comum. Todos são inclinados a raciocinar da causa para o efeito na estrutura de sua própria visão do mundo. Isso tem sido benéfico devido à abertura para a descoberta científica. Sua principal inconveniência revela-se quando a visão do mundo científico é atualizada, com o subseqüente afastamento de algumas hipóteses iniciais tais como a agora desacreditada teoria das forças vitais. *(22) “Advogar obediência às leis da natureza era uma coisa, mas o problema crucial repousava no saber o que exatamente eram as verdadeiras leis... Nunca podemos fugir do elemento da conjectura. Os adventistas lutaram com essa questão, reconhecendo que a contínua exploração da natureza iria aumentar firmemente o conhecimento da verdadeira lei natural.” Reid, idem, p. 121.***

Corpo, o Templo de Deus - (fisiológico) **– Juntamente com os fundamentos das leis da saúde para a abstinência, os primeiros adventistas articularam uma visão psicológica muitas vezes expressada com o uso da metáfora Paulina do corpo como o templo de Deus. *(23) “O corpo, que Deus denomina Seu templo, deve ser preservado nas condições mais saudáveis possíveis. Muitos agem como se tivessem o direito de tratar seus corpos como bem lhes aprouvessem. Eles não percebem que Deus lhes pede contas. Eles são ordenados a glorifica-Lo em seu corpo e espírito que Lhe pertencem... É um dever sagrado que Deus impôs sobre os seres pensantes, formados à Sua imagem, de conservar essa imagem no mais perfeito estado possível” Spiritual Giflts, vol. 4, 1864, p. 148.* Como possessão de Deus, o crente tem a obrigação de se abster de coisas prejudiciais a seu corpo, uma vez que isso resulta na perda da sensibilidade quanto à vontade de Deus. *(24) Abstende-vos estritamente de toda comida ou bebida estimulante. Sois propriedade de Deus. Não deveis maltratar nenhum órgão do corpo. Antes cuidar sabiamente dele, para que haja perfeito desenvolvimento do homem inteiro. Não é de vossa parte um ato de ingratidão fazer qualquer coisa que vos enfraqueça as forças vitais, de modo que vos incapacite para representa-Lo devidamente, ou para fazer a obra que Ele quer de vós?” Carta 136, 1903, citado em Temperança, p. 164.* Em um sermão, em 1876, sobre o tema da abstinência do consumo de carne, Tiago White apresentou “um ponto de vista psicológico” *(25)Tiago White, “Sermon on Sanctificacion”, apresentado à congregação de Battle Creek, Michigan, 16 de março de 1867, Review and Herald, 9 de abril de 1867, p. 207, citado em Numbers, idem, p. 163.*. Foi somente no século vinte que essa visão ganhou proeminência. *(26) Bull e Lockhart, idem, p. 129.* Com a rejeição do vitalismo, os adventistas do sétimo dia buscaram uma mensagem de saúde racional. O expoente mais articulado do fundamento fisiológico foi *F. M. Wilcox*, que, em um artigo de 12 páginas na *Review & Herald*, mais tarde ampliado e publicado em um livro, perguntou: “Sobre que fundamento devem os princípios de saúde ser considerados? No fundamento moral ou fisiológico? Nós respondemos, primeiramente sobre o fundamento fisiológico. A questão entra no reino moral na medida em que os hábitos físicos afetam a vida espiritual... Ao reconhecer este corpo como o templo de Deus e as leis físicas que o governam como de origem divina, o crente buscará obedecer essas leis não apenas por motivos científicos, mas também pelo reconhecimento do direito do Criador de receber o melhor culto, que somente é possível pela obediência às leis de seu ser.” *(27) F. M. Wilcox, “healthful Living, Physical Habits and their Relation to Spiritual Life”, Review and Herald, 25 de Janeiro de 1923, p. 12; The Gospel of Health (Washington, D.C.: Review and Herald, 1935, p. 7.***

 **Embora essa visão, parcialmente, se sobreponha às das leis da saúde, ela difere em um ponto significativo na sua expressão no século vinte ao separar as leis da saúde das leis divinas e designar apenas a primeira como obrigação moral. Diferentemente da atitude anterior, que misturava o uso do álcool com o do café, chá, manteiga, leite, ovos, molhos e condimentos o novo desenvolvimento incluiu o estabelecimento de uma hierarquia dos itens proibidos, começando com o álcool, narcóticos, tabaco e alimentos carnéos. A abstinência do chá e do café são “recomendáveis”. *(28) Idem, p. 15, Wilcox explica, “O uso da carne não se compara ao uso do álcool, tabaco, chá e café porque a carne não possui valor alimentício...” O uso do açúcar e de massas vinham em seguida na lista – se usados “imoderadamente”, idem.***

 **Uma expressão recente de fundamento fisiológico para a abstinência é resumida em três pontos: Jesus estava interessado na pessoa inteira: Seus seguidores seguirão Seu exemplo: a Bíblia ensina a unidade e a indivisibilidade dos seres humanos e assim não apresenta justificativa para a separação do corpo/alma com seu assessoramento da negação ascética do corpo; os seguidores de Deus pertencem a Ele na totalidade. *(29) William Johnsson, “The compleat Person”, Adventist Review 25 de Fevereiro de 1982, p. 4.***

 **A força da visão fisiológica é também sua fraqueza; uma separação dos reclamos morais específicos da lei de Deus de um requerimento divino menos específico de manter o próprio corpo como o templo de Deus.**

Dois Tipos de Vinho – (nitidamente bíblico) -  **Por que os adventistas do sétimo dia, do final do século dezenove e início do vinte, aparentemente desejavam abandonar a obrigação moral quanto às leis da saúde como um fundamento para a abstinência em favor dos fundamentos fisiológicos? Pelo menos parte da resposta se encontra em íntima interação entre a IASD e o movimento de temperança do século dezenove, na América, especialmente, sua segunda fase que teve início em 1870. Diferentemente da primeira fase do movimento, da década de 1820, que fazia distinção entre bebidas alcoólicas destiladas, a que ele se opunha, e as fermentadas, a que não se opunha, a segunda onda manteve uma posição firme quanto à abstinência total de todas as bebidas alcoólicas. Ela foi acompanhada por uma rajada de exegeses bíblicas promulgadas através de numerosas publicações, das quais as mais difundidas e influentes foram: *Temperance Bible Commentary de Frederic Richard Lees e Dawson Burns (30) Sexta edicação, Londres, 1894. e Bible Wines or, the Laws of Fermentation and Wines of the Ancients de William Patton*. *(31) Nova Iorque: National Temperance Society and Publication House, 1874. Um artigo na Sings of the Times, vol. 4, 1878, p. 47, se refere especificamente à obra de Patton no que diz respeito à “hoste de estudiosos e teólogos... que apresentaram os mais incontestáveis argumentos, estatísticas e autoridades.* Sendo que o movimento da temperança estava amplamente fundamentado na igreja, ele recebeu de sua escola exegética seu apoio escriturístico na forma de quatro proposições:**

Primeira -  **A Bíblia menciona dois tipos de vinho, suco de uva fermentado e não-fermentado. De acordo com *Patton* há três tipos de referências ao vinho na Escritura: (1) o vinho é um senso neutro sem que nada denote seu caráter; (2) o vinho como a causa de miséria, um emblema de castigo; e (3) o vinho como uma bênção, um emblema espiritual de misericórdia. Este tipo de ocorrência levou-o a perguntar-se, “Não deve haver dois tipos de vinho?” *(32) Patton, idem, p. 12. Ele escreve mais adiante na mesma página. “Tão inusitado foi a minha mente esse pensamento e não encontrando confirmação para ele nos comentários aos quais tinha acesso, não me senti livre para dar-lhe muita publicidade. Assim, mantive-o em suspense, esperando por mais luz. Mais de trinta e cinco anos depois, quando revisava o estudo de Hebreus com o Professor Sexius... apresentei-lhe a coleção de textos que havia copilado... Naquela ocasião sabia que não havia outra pessoa com essa visão.”* Toda vez que o vinho na Bíblia é tema de comentários favoráveis ou recomendação ele é uma variedade não-fermentada; a advertência e proibição escriturística com respeito ao vinho, por definição, se refere à variedade fermentada.**

Segunda -  **Várias injunções do Novo Testamento para a abstinência total foram atenuadas por tradutores antagônicos à causa da temperança dando-lhe antes o sentido de “moderação” (ver especificamente Gálatas 5:10; Filipenses 4:5; I Tessalonicenses 5:6, 8; I Timóteo 3:2). *(33) Idem, páginas 107-112.***

Terceira -  **A Páscoa Bíblica fornece evidências para o uso do vinho não-fermentado já que a preparação para a festa incluía a remoção de todo material levedado dos lares judaicos. Uma vez que o vinho fermentado é um produto do mesmo processo de levedura, por definição, deve ter sido excluído da mesa. *(34) Idem, onde é mencionado vinho da Páscoa refere-se a um melaço rico, diluído em água e que não era fermentado, em harmonia com a verdadeira entrega do matsah hebraico que significa não apenas “pão sem fermento”, mas a idéia mais abrangente “coisas não-fermentadas”. Aqui Patton cita Lees e Burns. Temperance Bible Commentary.***

Quarta -  **Em resposta à objeção de que o suco de uva não podia ser preservado sem fermentar, da vindima, em outubro, até a Páscoa, depois de abril, os exegetas do movimento de temperança mencionaram evidências para demonstrar a disponibilidade de quatro métodos que se crê impediam a fermentação do suco de uva; fervura para a concentração, filtração, sedimentação e resfriamento e fumigação. *(35) Idem, páginas 28-40.* Eles então trabalharam na aplicação bíblica para essas proposições exegéticas a cada referência ao vinho, bebida forte e embriagues.**

 **O posicionamento quanto a dois tipos de vinho e sua correspondente exegese entraram no pensamento adventista prontamente devido ao interesse partilhado na temperança. Três anos após sua publicação, o livro de Patton era citado favoravelmente em um artigo da *Signs of the Times* para apresentar “uma coleção de estudiosos e teólogos... que apresentaram os mais incontestáveis argumentos, estatísticas e autoridades para provar a existência de dois tipos de vinho.” *(36) Signs of the Times, vol. 4, 1878, p. 47.***

 **A força da posição dos dois vinhos e sua atratividade repousam em sua aparente confiança no somente a Escritura para um posicionamento claro quanto à abstinência total. Sua debilidade está na incapacidade de seus proponentes eliminarem a impressão de que sua exegese é subserviente a sua posição quanto à abstinência, que é o exemplo da acusação que eles endereçam a seus oponentes. A seguir há uma crítica, ponto por ponto, das quatro posições a partir de uma perspectiva de estudiosos bíblicos conservadores:**

Primeira – **os dois vinhos. Embora o vinho na Escritura possa se referir à bebida alcoólica e não-alcoólica, a atribuição arbitrária e categórica de um ou de outro significado para uma ocorrência da palavra reflete um estudo da palavra, metodologicamente antiquado, que ignora a contribuição decisiva do contexto para a definição de palavras. Ele também tende a fechar a mente dos leitores para a possibilidade de que o texto e a palavra podem, em algumas passagens, serem melhor compreendidas ao indicar algo que não está ligado ao álcool.**

Segunda -  **incorreção da tradução. Essa sugestão intrigante, com uma insinuação de conspiração entre os tradutores da Bíblia, não pode ser sustentada. Embora possa haver evidência no Novo Testamento de que Paulo apreciava a abstinência para os líderes da igreja e para as viúvas, em I Timóteo 3, para os homens idosos em Tito 2 e para os crentes confrontados com os irmãos fracos na fé, em Romanos 14, a injunção à total abstinência para todos os cristãos não ocorre nessas passagens. É claro que o Novo Testamento aprecia a sobriedade como uma obrigação cristã, mas os exegetas da temperança reivindicam mais – abstinência.**

Terceira -  **vinho não fermentado na Páscoa. A lógica dessa posição é apelativa uma vez que a microbiologia estabeleceu que os elementos da mesma família de fermento são responsáveis pela levedura e a fermentação. Não é provável que os hebreus do passado fizessem, contudo, uma ligação tão próxima dos dois pois a Páscoa durante a era do Novo Testamento podia incluir vinagre nas duas formas sobre a mesa. A alface (ou outro vegetal cru) fermentada estava no menu. Ela devia ser mergulhada em uma tigela com sal e água ou vinagre, estava disponível (obrigatório, de acordo com uma autoridade rabínica) para neutralizar o gosto das ervas amargas. *(37) Ver tratado de Mishnah Pesachim 10:3 mais tradução e notas em Philip Blackman, Mishnayoth, vol. II. Order Moed (Nova Iorque: Judaica Press, 1963, p. 217.* A presença do vinagre é significante porque ele é derivado do vinho superfermentado, especialmente se o oxigênio estiver presente durante a fermentação. Na verdade, o vinagre era conhecido como o produto da fermentação do vinho, com a maioria dos vinhos contendo algum vinagre pois era difícil excluir o ar durante a fermentação. Por esse motivo os vinhos não podiam ser guardados por mais de três ou quatro anos. *(38) Ver R. J. Forbes, Studies in Ancient Tecnology, vol. 3 (Leidem: E. J. Brill, 1955, p. 112.* É óbvio que embora os produtos dos grãos fermentados fossem estritamente excluídos da Páscoa, os produtos fermentados da vide não se incluíam nessa exclusão.**

Quarta -  **a fumigação do suco de uva impede a fermentação. Embora se tenha certeza da disponibilidade de algum tipo de tecnologia de fumigação, não há evidências de que ela era eficaz ou que era aplicada aos vinhos mencionados na Bíblia ou que mesmo fosse considerada desejável faze-la. Em sua cega confiança no *volume 37* da *Natural History* do soldado romano Plínio. (aD 24-79), quanto à informação sobre a fumigação, os exegetas da temperança fizeram um desserviço à causa. A vasta e desengonçada coleção de fatos, rumores e falatórios merecem pouca credibilidade científica salvo se corroborada com outras fontes mais confiáveis.**

 **A posição não ganhou a aceitação da grande maioria dos estudiosos bíblicos sérios e mesmo entre os cristãos conservadores devido às inclinações evidentes dos exegetas do movimento da temperança e devido à algumas deduções, métodos e evidências questionáveis. Os adventistas do sétimo dia estão atualmente divididos quanto à validade dessa posição, com alguns sustentando que não há proibição bíblica específica para a bebida alcoólica e nenhum mandamento para a total abstinência *(39) Para essa posição, ver James Coffin, “Does the Bible Condemn Moderaqte Drinking?”Adventist Revew, 25 de fevereiro de 1988, p. 4. Coffin argumenta que a devida hermenêutica permite a descoberta do princípio da abstinência)*, e outros continuando a sustentar a posição dos dois vinhos. *(40) Revisado e repetido, recentemente, nos círculos adventistas, o livro de Samuele Bacchiocchi, Wine in the Bible (Berrien Springs, Mich.: Biblical Perspectives, 1989, p. 268, onde ele rejeita a visão de Coffin – “nosso estudo demonstrou o contrário”.* Essa divisão de opinião é um reflexo do quadro maior entre os cristãos conservadores. *(41) Billy Graham, por exemplo, afirma, “Não creio que a Bíblia ensine a abstinência total de bebidas alcoólicas.... como alguns deles tentam reivindicar.” “Carter Will Restore Confidence, Graham Says”, Miami Herald, 26 de dezembro de 1976, seção A, p. 18 (citado em Bacchiocchi, idem, p. 26). “Alguns deles” provavelmente se refere aos cristãos evangélicos, que fica evidente no artigo subseqüente: “Graham disse que o vinho no período do Novo Testamento era fermentado e não apenas suco de uva, como alguns evangélicos pretendem” (Graham on Drink:Don’t, Christianity Today, 4 de Fevereiro de 1977, p. 533, 63.***

Irmãos Fracos na Fé – **(social) – Com base em Romanos 14, o princípio do irmão fraco na fé tem sido estendido além de seu desígnio original para com os crentes cujos escrúpulos os impediam de comer e beber qualquer coisa considerada (cerimonialmente?) impura por estar associada a uma ampla obrigação social mesmo para os não-cristãos que poderiam ser tentados a um hábito prejudicial devido à influência cristã. O verso 21 é a chave: “É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra cousa com que teu irmão venha a tropeçar (ou se ofender, ou se enfraquecer).” Esse princípio cedo penetrou nas fileiras adventistas através da influência de José Bates, que, no início da década de 1820, após abandonar as bebidas espirituosas e por fim o vinho, insistia em conduzir navios “secos”. O impulso maior veio com a participação dos adventistas do sétimo dia no movimento de temperança que parcialmente esteve fundamentado na convicção de que os cristãos tinham a obrigação de proteger a sociedade do licor. Essa obrigação deveria ser cumprida através da persuasão e legislação em favor de uma nação toda de potenciais irmãos fracos. Um voto da Associação Geral, por exemplo, em sua assembléia de dezembro de 1881, diz, “que expressemos, como julgamento deste corpo, que o uso de vinhos domésticos como uma bebida, ou de manufaturação semelhante, para ser empregado para esse fim, seja desencorajado em todo o tempo pelos membros de nossa denominação, como sendo contrário aos claros ensinos da Escritura, e aos mais elevados interesses da sociedade” *(42) Review and Herald, 3 de janeiro de 1882, p. 11.* Essa preocupação com a sociedade vem ecoando por 108 anos desde a edição especial da *Adventist Review* sobre o vício – o elevado risco de dependência de bebidas alcoólicas impõe-nos a responsabilidade de não deixar que outros sejam induzidos ao erro. *(43) James Coffin, idem. Note também “Os fortes argumentos para a total abstinência oriundos da consideração dos princípios bíblicos” que incluem a obrigação para com o irmão fraco.* *Billy Graham* é provavelmente o mais conhecido advogado contemporâneo desse princípio. “Devido ao problema devastador que se tornou o álcool na América, é melhor que os cristãos sejam abstêmios.” Ele equilibra o princípio do irmão fraco com a liberdade de consciência. *(44) Billy Graham. “The Abuse of Alcohol: Disease or Disgrace?” Alcoholism & Addiction (março-abril, 1988, p. 15.* “Embora não encontrando fundamento na Bíblia para uma proibição absoluta do consumo de bebidas alcoólicas, ele apela ao capítulo catorze de Romanos... como razão suficiente para os cristãos se absterem.”*(45) “Graham on Drink: ‘Don’t’”, idem.***

 **A força dessa posição vem de seu apelo à consciência social. Seu ponto fraco é que Paulo mostra preocupação apenas com os fracos na fé e não parece estar preocupado com os efeitos intoxicantes do vinho mas com a falta de aceitação espiritual e simbólica do consumo de qualquer coisa anteriormente contaminada pela idolatria. Há ainda outra debilidade que se mostra quando é feita a pergunta, “Por que o vinho?” Se não há uma suposição anterior de que o álcool não é aceitável, a passagem parece dar igual ênfase à abstenção do consumo de carne juntamente com o consumo de bebidas alcoólicas para o bem do irmão fraco.**

Identidade e Missão Especiais (teológica) -  **O ideal de abstinência de bebidas alcoólicas foi mais amplamente sustentado no mundo antigo do que geralmente é reconhecido hoje. Sob a influência do neoplatonismo, durante o segundo século cristão, a igreja primitiva desenvolveu uma simpatia pela desvalorização da existência física, incluindo o corpo. A negação acética sobre as necessidades do corpo resultantes, cujo poder sobre a igreja não foi quebrado até a Reforma, tinha inoculado muitos cristãos eruditos modernos contra o falar da evidência bíblica para a abstinência e parcialmente cegou-os para propagarem a preocupação com a abstinência, no mundo antigo.**

 **Havia vários motivos para a abstinência além do asceticismo, nominalmente saúde (refletindo um conhecimento dos resultados das bebidas pesadas); a responsabilidade social (*juízes, legisladores, soldados e outros* deviam se abster enquanto estavam desempenhando seu dever; pais durante a concepção e ao criarem os filhos); ideal filosófico (manter a mente clara para meditar); religioso (manter a pureza no serviço de Deus, normalmente para os sacerdotes; honrar os antepassados espirituais – *recabitas e nazireus*); evitar a transgressão com a tentação e os maus espíritos; e prontidão escatológica (especialmente entre os judeus e os cristãos primitivos). Os renomados pensadores incluindo *Pitágoras, Demóstenes, Platão, Aristóteles, Sêneca, Apolônio de Tyana, Philo Judeus* e outros deixaram um legado literário de reflexão e prescrição para a abstinência. Os autores judeus da era do segundo templo atribuíam a abstinência aos antepassados proeminentes incluindo *Isaque, Samuel, Ana, Sansão, Daniel e Tobias*.**

 **Os adventistas do sétimo dia encontram em João Batista modelo de abstinência entre o povo de Deus dos últimos dias ao associarem seu voto de abstinência ao cumprimento da profecia do retorno de Elias antes do grande e terrível dia do Senhor. “Ele era um representante dos que vivem nos últimos dias, aos quais Deus confiou verdades sagradas para apresentar ao povo... E os mesmos princípios de temperança que João observava devem ser seguidos por aqueles que, em nossos dias, devem advertir o mundo da vinda do Filho do homem. *(46) Ellen White, Temperança. Santo André, SP, Casa Publicadora Brasileira, 1969, p.91.* Os adventistas do sétimo dia vêem a si mesmos como o João Batista dos últimos dias com um senso semelhante de missão e urgência. Não deve ser permitido nenhuma debilidade na razão à luz da seriedade dessa era. *(47) Esses pensamentos são expressados por James Coffin, idem, p. 6.***

 **As passagens do Novo Testamento que apelam para sobriedade em conexão com essa conscientização escatológica incluem I Tessalonicenses 5:6, 8: “Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios...” (cf. I Pedro 1:13), “sede sóbrios”; cap. 4:7, “Ora, o fim de todas as cousas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações”; cap. 5:8, “sede sóbrios e vigilantes”. Cada uma dessas admoestações aparece em um contexto de necessidade de se estar pronto devido à brevidade do tempo antes do fim de todas as coisas. Essas passagens são suplementadas pelas injunções contra a bebedice, que é claramente proibida pelos autores do Novo Testamento. A questão crucial levantada pelos exegetas do movimento da temperança é se em vez de “sóbrios” devemos ler “tornar-se como abstêmios” para *nepho/ek-hepho*. É atrativa a substituição por “abstêmio” em cada passagem acima, mas isso se justifica? A evidência em mãos não apóia quaisquer de tais substituições. Do contrário, um filamento dos estudiosos críticos do Novo Testamento, desse século, permite apenas um significado figurativo de “alerta”, “abstinência de inconsistência mental”, para *nepho* no Novo Testamento *(48) Ver, por exemplo, Bauer-Arndt & Gingrich, Danker, Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature, 2ª Ed. (Chicaco: University of Chicago Press, 1979, s.v. nepho. Ver também º Bauernfeind, nepho, em G. Kittel, ed. Theological Dicitionary of the New Testament, vol. 4 (tradução inglesa (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1967), original alemão, 1942, páginas 935-938. Uma combinação de significados figurados e literais para as passagens do Novo Testamento é defendida por P. J. Budd. “Drunken, Sober”, em Colin Brown, ed., New Interantional Dictionary of New Testament Theology, vol. I (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1975, p. 5141*, em parte, talvez, para opor-se ao que era visto como literalismo estreito da exegese do movimento da temperança, e parcialmente fundamentado em alguma evidência de que *nepho* passara por uma mudança de significado durante a era do Novo Testamento.**

 **Esses cinco fundamentos foram empregados juntos ou separadamente para justificar a abstinência para os adventistas do sétimo dia dos “espíritos ardentes” por 150 anos e dos “intoxicantes brandos” por metade desse período. O crescente conhecimento da história e natureza suscitou um processo de atualização e reforma desses fundamentos. A força ou debilidade de qualquer um deles será parcialmente determinada pela visão mundial mantida por qualquer adventista do sétimo dia.**

Há um Fundamento Bíblico para a Abstinência?

 **Há um fundamento bíblico para a abstinência de bebidas alcoólicas? Sem dúvida a primeira geração dos pioneiros adventistas do sétimo dia estavam convencidos de que sua posição de total abstinência estava fundamentada nas Escrituras e assim também as gerações subseqüentes mesmo quando julgaram necessário rejeitar ou modificar parte da justificativa para a abstinência transmitida pelas gerações anteriores. Esse processo normal de manter atual a verdade presente ainda está em andamento. Hoje, a igreja está engajada no assimilar a grande quantidade de dados que não estavam disponíveis aos pioneiros. É de se esperar que o conhecimento psicológico, químico, histórico e escriturístico, resultante proverá à igreja uma perspectiva diferente quanto a essas questões.**

 **A convicção sobre a validade da abstinência provavelmente não será enfraquecida, embora a definição, justificação e aplicação do conceito possa estar sujeita a modificação. Como a igreja permanecerá atualizada nessa questão? Ao recobrar o espírito dos pioneiros e repetir sua abordagem básica às questões da vida cristã e do testemunho, a abordagem será caracterizada por:**

1. **Mente aberta e interação com o novo pensamento do momento;**
2. **uma abordagem atual da Escritura como fonte de revelação progressiva da vontade de um Deus de amor;**
3. **uma apreciação básica das dimensões física, mental e espiritual da natureza humana;**
4. **consideração por aquilo que é de valor eterno na fé de nossos pais;**
5. **um senso de missão – o evangelho a todo o mundo nesta geração.**

**Que elementos poderão contribuir para nosso fundamento bíblico para a abstinência? Em acréscimo aos elementos dos cinco fundamentos pesquisados nesta monografia, há a necessidade de um profundo estudo da função do álcool no mundo bíblico. O vinho estava livremente disponível e era usado regularmente ou destinava-se apenas a ocasiões especiais? À luz dos problemas da fermentação e da prática quase universal de diluir vinho em água, o consumo de álcool poderia ser motivo de preocupação? Qual é o impacto do desenvolvimento da destilação na idade média sobre a produção do álcool e o que isso implica para os cristãos hodiernos? A disponibilidade da bebida alcoólica a um preço acessível à maioria das pessoas acrescenta uma dimensão à presente discussão e que não havia no mundo do Novo Testamento? Essas e outras questões indicam que teremos muito trabalho a ser realizado no fundamento bíblico para a abstinência.**

*Steven Thompson, Ph. D****.***

 ***Chefe do Departamento de Teologia e Conferencista em Novo Testamento, Avondalle College, Cooranbong, Austrália.***